

Debaixo do vestido há de ter a carne, debaixo da carne fincados os ossos parecendo-se a dona, ornamentando a postura, o perfil, indícios de saber-se de quem se trata. Sempre debaixo de tudo haverá uma pessoa coberta, escondida, sendo sempre ela.

Não me contento com pouco dizer, sabendo que as palavras exigem proporções, proeminências, as bocas dissimulam afetos que elas insistem em transportar como discretas e secretas, confirmando ou contradizendo, mais acima ou mais abaixo do que deviam estar.

Esta noite se mostra quieta, propicia às tais conversas, podemos gastar um pedaço da noite para tirar o amor dos livros e imitar estimas desacostumadas às práticas, tirando do exílio carinhos forasteiros para fundamentar e distribuir pelos ofícios graças construídas em nome dos prazeres e dos espantos.

Aceitando eu as boas-vontades, estimei reciprocidades, não me pesou a generosidade da oferta nem me pesa o reconhecimento, não posso dizer o mesmo da sua falta. Praticar valores agudiza os primores sobre tais delicadezas que se acham em mui poucas pessoas.

Lutando entre o que devo e o que quero, sou autor de muitas contradições, algumas anônimas outras reconhecidas e assinadas. Geralmente compiladas juntas, se misturam na evolução e na involução insistindo em que eu, seu autor, lance mais detalhes para completar a exposição.

Sentinelas formavam farta proteção para reforçar a simplicidade de possíveis tentações. Possíveis reestruturações tentam facilitar elevar a qualidade dos valores que mereçam serem guardados.

O acesso limitado aumentou os desejos e o consumo de insuficientes fantasias refugiadas e cativas. As vontades remanescentes ficavam distantes dos objetos desejados, havia o cuidado de prever as sementes para as tentações sucessivas e para dar sobrevida à esperança.

Frequentemente sou cínico, debocho em silencio tendo covardes ironias, evito confrontos nas forças desproporcionais ou desnecessárias. As palavras estão ao meu alcance, reduzidas ao uso das minhas intenções, discurso, vocifero, declaro, excludo e incluo. Finjo uma delicadeza invertida de uma rudeza omitida, visto uma impotência de gala e coragem dispensando admiráveis espantos.

Canso-me deste amor de benevolência, quero cobiçar, ser fiel a mim mesmo nessa minha esfomeada ânsia insatisfeita. Quero cobiças fartas, abundantes sem misturas, puras, sozinhas, quero o puro ganho, a realização mais egoísta que me sequestre desta mania de cuidar sem ser cuidado ensinando-me algo da minha natureza sempre adiada.

Irreparáveis ausências se reúnem em massa para comemorar, para se oferecerem aos que sem memória ainda buscam e esperam companhia. Elas se exibem, ao contrário das memórias que esperam descoberta. As ausências buscam alguém que lhes queira para enfrentar com coragem todos os enganos, todos os descartes, os construtores de vazios.

Na vida raramente cruzo com alguém. Obstinos caminhantes vêm na minha direção, desviam o olhar, olham para as próprias mãos, parecem fugir, andando depressa desviando a direção do encontro. Como teleguiados, apagam e acendem, perdidos sem orientação, olhando para o que me parece ser pouco ou nada. Preparo-me para viver uma decepção na recepção.

A noite quando me reúno com a minha consciência, falamos de várias coisas, finjo dormir, mas ela me interpela, sinto desconfortos com sua presença, mas esbarro nas utilidades que ela me aponta. Às vezes me magoa, sabe faze-lo como poucos, a mesma disposição para ferir meu orgulho alimenta a prudência que se alimenta de suas observações.

Um burocrático espanto saiu por aí se metendo na intimidade dos meus hábitos, devassando as soluções provisórias, fazendo-me duvidar das definitivas. Senti-me

como se fosse um caso perdido recepcionando um medo desnecessário que ali foi só pra me assustar.

Uma tristeza súbita surge no deserto, na travessia, e se houvesse a capacidade de organizar esses sentimentos, encontraria alguns restos da caravana que me acompanhou. Deixados sem autorização, esses restos desapareceram, hoje tenho a falta não haver decifrado sua importância.

As sombras renascem corpos, no ar suspendo os pilares, ponho as telhas no chão, deixo o pó de molho, lavo as anotações que são esquecimentos, para limpar as memórias.

O que era mentira no meu passado está sendo feito realidade no futuro.

Um choro incontrolável busca consolo, uma calma que esconda algo da existência minha. Essas dores não são sadias, me estremecem prolongando encontros com presenças que eu desejaria efêmeras. Sempre volto a me encontrar com o que não posso esquecer.

Dou um crédito singular à ingratidão. Ainda duvido que ela permaneça em alguém atingido por alguma devolução amorosa. Deles, os ingratos, não espero trocas, mas pelo menos, algum desvairado sentimento que perca o rumo e seja um obséquio alegre e desobediente.

As saudades parecem me habitar mais à noite que o dia. Longe de reduzirem faltas, agravam obscenas, aviltam a harmonia, profanam minha dispersão de ter prazer no deserto, protegido na desinteressada solidão.

Espera um pouco mais, abandona essa vontade que tens de me impedir de entrar, algo inédito ressuscita inacabados sonhos que caídos no esquecimento pedem para voltar, minha aldeia adormecida triste e com saudades se inclina para te receber.

Carregamos uma injusta coleção de causas perdidas que fingem não dar trabalho.

O excesso de adversidades inquieta a paz e contagia o ambiente. A inocência pouco segura, quase feiticeira, chora um pleito eterno, se nega a perder a vontade de seguir sendo inocente. Os tempos ásperos de possessões e descartes enxugam as lágrimas de quem ainda as consideram e vertem.

Uma força invencível capitaneia meus sonhos, dão asas ao espanto, são surpreendentes doçuras que inesperadamente se intrometem entre as vítimas e os seus sacrifícios, como sombras ilimitadas se atiram contra as balas e as armas. Dando uma sobrevida a minha última esperança.

O tempo tirou de mim a serenidade implantando batalhas e ataques. Precipitada a consciência acossada por estranhezas resguardou-se levada pelo esquecimento, abandonada no único caminho possível.

Teus olhos mais pareciam adereços faciais, postos de acordo com uma cegueira como se reinara uma profunda noite, parados como se habitassem uma pintura, e ali estivessem postos ao acaso sem nenhuma outra razão que preencher o vazio que o teu rosto havia se transformado. Entendi tratar-se de um olhar literalmente perdido.

Minha vontade se domestica no teu colo, me rendo à tua paz de onde não posso mais voltar, como um lugar longínquo...

Certa realidade teve sua réplica em um sonho meu, apareceu na esperança de encontrar-me antes que chegasse o despertar, sua principal intenção era continuar viva buscando autorização para não morrer. Lançando-se como um estranho fenômeno de transposição vitoriosa diz ser uma sequência dos meus confins.

Mais do que uma rota, mais do que a extensão da idade, mais do que uma luta pagã, escondo alguns ídolos ainda em estado puro, radiantes atraindo minha fé criança inalteravelmente ingênua, convertida em saudades acumuladas.

Sigo menino, quando não o sou me visito, destilando brincar ainda quando sério, evoco meu pai e minha mãe vivos prontos para me beijar, distraído escapo pelo tempo não desperdiçado, que outra coisa fazer nestes outros tempos ainda menino me assisto.

Nascem esquinas na alma atravessada das gentes perdidas. Frequentes e urgentes lutam, todavia, para encontrar desvios menores e afetos distraidamente disponíveis para ainda voar.

Recicladas esperanças imigram por vielas, estradas vicinais, transpassam pessoas condenadas, desmontando o bem-estar em meio aos salários aviltantes, políticos corruptos e trabalhos informais. Negados os lugares ao singular e ao regular fluem recidivas de indignação tentando encontrar um lugar para a honestidade ficar.

Motivos não faltam, gente nova chega todos os dias, pedindo, pedem muito, todos pedintes, me fazem saber o tamanho e que passam necessidades, afundados, sem refino e sustento, sem abraço; luxo nem pensar. Ontem, hoje e amanhã entregues ao deus-dará.

Carrego a tua sorte pela rota dividida entre o acaso e a decisão, antecipo a manhã e chego antes de saber se será chuva ou sol, levo o pijama e o resto do dia para a gaveta, penduro a preguiça que fez ninho no teu braço. Finjo não ter relógio até que o tempo passe assistindo meu conquistado descanso.

Fraturada a ilusão por dentro, fartos amores cessados levam consigo abandonos desnecessários, o uso indevido dos sentimentos confirma os riscos. O amor cansado pede licença e vai-se restabelecer por um caminho ignorado.

Busco enredos, deposito flores na arrogância alheia, decreto a morte da indiferença, provoço náuseas na obesidade, rio do avesso abraçado no verso, manipulo argumentos convidando à distância a companhia dos profetas do apocalipse.

Descanso a minha infância no teu colo, meu desamparo se acolhe no teu olhar. A alma curiosa procura jogos de ida e fuga, caminho e retorno, brinca com coisas sérias pra não se esquecer de brincar, aliviando o que poderia ser sempre pior.

Pela vida carrego a desmemoriada infância que apaga amigos, exclui medos, esconde quedas brutais. Voa como quero-quero, gritando por aí como se estivesse no quintal, furta a parreira, a figueira e todo mundo que ficava ali. Apaga o fogão a lenha e assopra a fumaça do ritual de assar kaftas douradas no carvão saindo de dentro das mãos de minha mãe. Perder a memória cura o mal de ter saudades, devolve uma infância como era antes de acontecer.

Falta-me o treinamento poético e o humor para sustentar esse farto amor que te ofereço, teu reino inacessível se serve fartamente das minhas frustradas ofertas. Essa versão aberrante do fracasso é um assunto de alegorias sem brilho disfarçado de romance.

Deixo inacabada no meio de um episódio à especulação do porque as mulheres abusam das técnicas de retardamento aplicadas ao amor, em suma, se encontram dominadas ou esquecem quando admiradas. Fica mais difícil entrar mais fundo nos detalhes.

Venho de um lugar onde os amores se sucedem e se assemelham. As pessoas passam o tempo todo perdendo e se encontrando, confundindo a realidade e a travessura.

Quando eu ainda não tinha esse rosto de hoje, ria sem medo bancava cada fase até suavizar o susto fixo, ganhava estabilidade trocando de máscaras. Infiltrado de um passado total sempre anunciei conveniências.

Afetos impuros me deixam atônito, eles passam por dentro de lugares inventados, entre a inocência e o espanto. Eles ainda continuam lá, sem envelhecer, testemunhando um defeito do tempo.

A vida ordena cuidados, nela acontecem descuidos. Nela habitam outras normas e tentações, não foi uma escolha ao acaso, provando o uso dos sentidos ela trata de assuntos delicados como o fundamento oportuno e permanente do sim e do não.

Desencadeio todos os apetites, em absoluto desregramento fluem apelos profundos, o dia me sorri, despeço a glória efêmera, despejo os ridículos disfarces. Tentado pelo pretexto de seguir vivo, tomo fôlego e entro de corpo e alma na vida.

Te dou a sobra e o principal, o que será e o que me resta, a máscara caída e a ruga ainda, o entusiasmo e a evasão, o ovo e a ferida, a ânsia errante e a candura que encanta.

Repito sem cessar um erro fatal. Adoro tempestades, compro confusões, cultivo turbilhões, meus pensamentos fartos, sofro por todos, sofro por mim, armado na bagagem, tentando ressurreições mais bem sucedidas.

Abrigo tua imagem dissolvida que cai no meu corpo impregnando o meu prazer, ilumina o território tira meu último e ocioso repouso. Tua imagem voluptuosa atravessa o meu deserto, espera rudes carícias.

Faço saber que piso a terra que escolho, me divirto com ideias, imagino personagens, brinco de anular as ofensas e ouço dentro do silêncio declarações de amor, voou com o pássaro de cada dia, degusto um peixe-rei frito e me despeço das fotografias que me lembram quem fui.

Zombam de mim esses anos que me contemplam passageiro, ávido de futuro, destilando o passado, sobrevivendo sem resignação a cada hora. Sei que eles, esses anos, conheceram virtudes esperando serem usadas.

Há coisas que te ajudam a viver, mas nenhuma ajuda é maior do que aquela que uma criança constrói enquanto brinca com o espaço, com o tempo, com as regras.

